

16. Fé Além dos Sinais: Você Crê nos Milagres ou no Deus que os Realiza?

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 09/11/2025 18:21

1. Introdução: Uma Fé à Prova na Galileia

A jornada de Jesus, conforme narrada pelo apóstolo João, nos leva de um encontro transformador em Samaria para um cenário de expectativa e prova na Galileia. Após permanecer dois dias com os samaritanos, que creram Nele pela força de Sua palavra, Jesus retoma seu caminho para sua terra de criação. É neste contexto, em João 4:43-54, que somos apresentados a uma cura que, embora milagrosa, serve como um espelho para a natureza da fé humana. O palco é montado em Caná, a mesma cidade do primeiro sinal, onde a água se tornou vinho.

A narrativa se intensifica com a chegada de uma figura de autoridade, um oficial do rei, movido não por curiosidade, mas por desespero. Seu filho, em Cafarnaum, estava à beira da morte. Ao saber da presença de Jesus, ele empreende uma jornada para suplicar pela vida de seu filho. O pedido é direto e urgente, um clamor de um pai que vê sua última esperança naquele profeta de Nazaré. Contudo, a resposta de Jesus é, à primeira vista, enigmática e desafiadora, transcendendo o pedido individual e dirigindo-se a toda uma mentalidade.

"Se vocês não virem sinais e prodígios, de modo nenhum crerão." (João 4:48)

Esta declaração não é uma negação de ajuda, mas um diagnóstico profundo sobre uma fé condicionada ao espetacular. Diante da insistência do oficial – "Senhor, venha antes que meu filho morra" –, Jesus não realiza um ato visível. Ele oferece apenas Sua palavra: "Vá, o seu filho vai viver". O oficial, então, se depara com uma escolha crucial: exigir uma prova tangível ou confiar na autoridade daquela promessa. Ele escolhe crer e parte. A confirmação do milagre viria depois, no caminho de volta, ao encontrar seus servos que lhe anunciam a recuperação do menino na exata hora em que Jesus havia proferido a palavra de cura.

Este segundo sinal na Galileia, portanto, vai muito além de uma simples cura. Ele estabelece o tema central que ecoa por todo o Evangelho de João e nos confronta diretamente: qual é o verdadeiro alicerce da nossa fé? Ela se sustenta na constante necessidade de ver milagres e sinais, ou está firmemente ancorada em quem Cristo é, independentemente das circunstâncias visíveis? Este encontro nos convida a examinar o fundamento sobre o qual construímos nossa crença e a questionar se buscamos o Deus dos milagres ou apenas os milagres de Deus.

2. O Padrão da Crença Condicionada: A Necessidade de Ver para Crer

Quando Jesus chega à Galileia, a recepção é festiva, mas o evangelista João, com sua precisão característica, faz questão de registrar a motivação por trás dessa alegria. Os galileus o receberam bem "porque viram todas as coisas que Jesus tinha feito em Jerusalém por ocasião da festa" (João 4:45). **A celebração não era primariamente por quem Ele era, mas pelo que Ele fazia**. Esta observação sutil de João desvenda um padrão recorrente, uma espécie de crença condicionada que permeia os primeiros capítulos de seu Evangelho: a fé que brota do espetacular.

Esse padrão de uma fé despertada por milagres não é um evento isolado, mas uma linha que conecta diversas narrativas. Lembremos dos próprios discípulos. Após Jesus transformar a água em vinho em Caná, o texto conclui:

"Esse foi o primeiro sinal que Jesus fez... e por causa deste sinal, os seus discípulos creram nele."

(João 2:11)

A fé do círculo mais íntimo de Jesus foi, em seu início, catalisada por uma demonstração de poder sobrenatural. O caso de Natanael é igualmente emblemático. Inicialmente cético e preconceituoso - "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?" -, sua incredulidade se dissolve não por um argumento teológico, mas por uma revelação pessoal e inexplicável:

"Rapaz, eu te vi embaixo da figueira".

A percepção de que Jesus possuía um conhecimento sobre-humano o levou a declarar:

"Mestre, tu és o Filho de Deus!" (João 1:46-50).

Novamente, o sinal precedeu a confissão. O mesmo ocorreu com a multidão em Jerusalém durante a Páscoa, onde muitos creram em seu nome "por conta dos sinais que Jesus havia feito" (João 2:23).

O que torna essa dependência de sinais tão intrigante é o público em questão: o "povo da promessa". Os judeus da Galileia e da Judeia, os discípulos como Natanael, eram herdeiros de uma vasta tapeçaria de revelação divina. Eles possuíam a Lei de Moisés, a história dos reis, a sabedoria dos Salmos e, crucialmente, as profecias de Isaías, Miqueias e tantos outros que descreviam em detalhes a vinda do Messias. Tinham em mãos a promessa de que da descendência da mulher nasceria aquele que esmagaria a cabeça da serpente. Conheciam as escrituras que falavam de um salvador nascido de uma virgem, que remiria seu povo. E, no entanto, mesmo com todo esse arcabouço profético e teológico, a fé de muitos permanecia adormecida, aguardando o estímulo de um milagre para despertar. Possuíam o mapa, mas ainda assim exigiam uma placa luminosa para crer que haviam chegado ao destino. A narrativa joanina, até este ponto, constrói um quadro claro: para aqueles que deveriam ser os primeiros a reconhecer o Messias, a crença parecia ser uma consequência direta do espetacular, uma fé que precisava ver para crer.

3. O Contraste Samaritano: A Fé Genuína que Nasce da Palavra

Se João, o evangelista, tivesse omitido a passagem por Samaria, poderíamos facilmente construir uma teologia onde a fé é um subproduto inevitável dos sinais. Contudo, sua genialidade narrativa reside precisamente em posicionar, entre os relatos de uma fé que precisa de estímulos visuais, a história de **um povo que creu sem ver milagre algum**. No coração da narrativa, encontramos a mulher samaritana e sua cidade - um povo considerado impuro, "gentalha", uma mistura de raças e religiões aos olhos dos judeus. É exatamente neste solo improvável que brota a fé mais pura e surpreendente.

O que desperta a crença em Samaria não é uma cura espetacular, um exorcismo ou a multiplicação de pães. Jesus não realiza nenhum sinal grandioso ali. A única manifestação sobrenatural é um "peteleco" de conhecimento divino, uma revelação íntima e pessoal: "Eu sei que você não tem marido". Não houve fogo descendendo do céu, nem paralíticos andando. Apenas uma conversa sincera à beira de um poço foi suficiente para que a mulher reconhecesse estar diante do Messias. Em seguida, movida por essa convicção, ela se torna uma evangelista para sua cidade.

O mais notável é o que acontece depois. Os homens de Samaria vêm a Jesus, atraídos pelo testemunho da mulher, e o convidam a ficar. Durante dois dias, eles não presenciam milagres, eles

apenas O ouvem. E, ao final, declaram:

"E diziam à mulher: 'Já não é pelo que você disse que nós cremos, mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo'." (João 4:42)

A fé dos samaritanos não dependeu de evidências externas; ela nasceu e se consolidou na suficiência da Palavra. O Espírito de Deus os convenceu unicamente através do que ouviram. Esta fé se revela, portanto, mais nobre e robusta do que a dos herdeiros da promessa, que, mesmo cercados por profecias, ainda necessitavam de sinais para crer. O contraste é deliberado e desconcertante, forçando-nos a uma autoavaliação incômoda.

Isso nos leva à pergunta fundamental: por que você crê? A nossa fé se assemelha à dos galileus, que se inflama com a vitória e se apaga com a dificuldade? É uma fé "capenga", que manca e vacila, declarando que "Deus me abandonou" quando o carro quebra, mas se vangloria da "bênção" quando ganha um sorteio? Quando dizemos que cremos em Deus, estamos realmente crendo Nele ou apenas naquilo que Ele pode nos dar? A fé para ter um emprego é diferente da fé no Deus que nos sustenta com ou sem aquele emprego. A fé samaritana nos ensina que é possível crer não por causa dos resultados esperados ou dos sinais vistos, mas simplesmente porque reconhecemos Nele, em Sua palavra e em Sua presença, a verdade final: Ele é o Salvador do mundo.

4. Redefinindo a Espiritualidade: O Sagrado na Vida Comum

A busca incessante por sinais muitas vezes se origina de um profundo equívoco sobre a natureza da vida espiritual. Em nossa cultura religiosa, criamos uma falsa dicotomia, colocando o "espiritual" em oposição ao "material", como se a presença de Deus se restringisse a momentos de êxtase místico e se ausentasse das realidades concretas do dia a dia. No entanto, o Evangelho nos apresenta uma verdade radicalmente diferente. O oposto de espiritual não é material; o oposto de espiritual é carnal.

A palavra grega para espiritual, *pneumatikos*, deriva de *pneuma*, que significa "sopro" ou "vento". Ser espiritual é ser movido, impulsionado pelo sopro do Espírito de Deus. Em contrapartida, ser "carnal" é ser movido pelos impulsos da natureza caída, pela iniquidade e pelo egoísmo. A grande falha de uma fé que depende de sinais é que ela nos treina a buscar o *pneumatikos* apenas em eventos extraordinários, enquanto ignora sua manifestação mais poderosa: a transformação do nosso caráter e de nossas ações na vida comum.

Questionamos a presença de Deus em um culto onde "nada acontece", mas raramente questionamos a ausência de espiritualidade em nossas interações diárias. Consideramos mais espiritual fazer uma campanha de 40 dias de jejum para abençoar um pai doente do que visitá-lo, abraçá-lo e cuidar de suas necessidades práticas. Achamos que dar a mão para orar por um estranho na igreja é um ato de profunda espiritualidade, mas ignoramos que o gesto de dar "bom dia" e perguntar seu nome quando ele se senta ao nosso lado pode ser o verdadeiro milagre que ele precisava. Essa fuga para uma espiritualidade performática, que se expressa em jargões e transes, mas falha em se materializar em bondade, ética e amor, é uma hipocrisia que afasta as pessoas do Reino.

A verdadeira espiritualidade é encarnacional. O dia em que você se preocupa em matricular seu filho na melhor escola possível é um ato tão espiritual quanto o dia em que você ora por ele. O momento em que você planeja um gesto de carinho para alegrar sua esposa tem o mesmo valor sagrado que a oração que você fez para encontrá-la. A vida comum, com suas responsabilidades, gentilezas e decisões éticas, é o principal palco onde o Reino de Deus se manifesta. O apóstolo Paulo entendeu isso perfeitamente. Ao pregar para os filósofos em Atenas, ele não citou Moisés ou Isaías. Ele citou os poetas e pensadores gregos:

"Como disseram alguns dos poetas de vocês: 'Nele vivemos, nos movemos e existimos.' (Atos 17:28)

Paulo encontrou Deus na cultura "material" e "secular" daquelas pessoas para lhes revelar a verdade. A fé madura não precisa de pirotecnia divina constante, pois aprendeu a ver a assinatura de Deus em toda a criação e a expressar o amor de Deus em cada ação. A vida simples, justa, honesta e amorosa não é menos espiritual; ela é a prova mais autêntica de que fomos, de fato, tocados pelo Deus que se fez carne e habitou entre nós.

Conclusão Reflexiva

No fim, talvez o maior milagre que o Evangelho nos propõe não seja a cura de uma febre à distância, mas a cura da nossa própria miopia espiritual. É a transição de uma fé que precisa dos relâmpagos dos sinais para crer, para uma fé que encontra seu sustento na constância do caráter de Deus; uma fé que não ama a Deus pelo que Suas mãos fazem, mas que O adora por quem Ele é, mesmo quando Suas mãos, em silêncio, apenas nos sustentam no caminho.

A Casa da Rocha. **#16 - A Fé e os Sinais - Zé Bruno - Quem é Jesus?** . Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C95uRSe5hNk>. Acesso em: 28/08/2025.

Documento gerado em 19/01/2026 14:04:10 via BeHOLD